

Colectânea Alentejana
Organizada por Domingos Fialho Barreto
Livro n° 2

P O E S I A P O P U L A R

por

JOSÉ GASPAR DURO

Edições Rocio
1995

<https://sites.google.com/view/edicoesrocio/home>

Composição e impressão:

Victorart
56 av de l'Equinoxe
1200 Bruxelles
tel 762 10 89

Colectânea Alentejana
Livro nº 2

POESIA POPULAR

por

JOSÉ GASPAR DURO

Edições Rocio

1995



José Gaspar Duro (1921-1993)

«Muito observador, perspicaz, activo e homem da grande planície alentejana, que vivera a solidão, rigor do tempo e já desperto, era natural que lhe transbordasse quanto lhe ia na alma...»

Colectânea Alentejana

(organizada por Fialho Barreto)

- 1 — *Poesias Populares*, por Baltazar Carneirinho
- 2 — *Poesia Popular*, por José Gaspar Duro

NOTA INTRODUTÓRIA

José Gaspar Duro nasceu em Safara em 1921. Era filho único, seu pai guarda fiscal e sua mãe doméstica, ambos descendentes de rurais.

Frequentou a instrução primária, que terminou com distinção, tendo sido sempre o melhor aluno da classe.

Seu professor desejava que continuasse os estudos, chegando a tê-lo como auxiliar, ministrando-lhe ensinos preparatórios para o liceu. Porém, seu pai, por razões económicas — pois nessa época um guarda fiscal ganhava muito pouco, teriam de se deslocar para outros meios, mais renda de casa —, preferiu entregar-lhe uma parelha de muares e respectivas alfaias agrícolas, restando-lhe cuidar de algumas courelas que possuíam, onde sofreu a dureza dos trabalhos campestres.

Era tradição, na sua terra natal, a juventude tocar qualquer instrumento musical, por música ou de ouvido. Assim, aprendeu solfejo, mas optou pelo bandolim, que, como amador, tocava em diversões ocasionais, grupos que se formavam no pronto.

Seu pai foi transferido para postos do Sobral da Adiça, deslocando para lá a residência, o que não o impediu, dada a proximidade, de continuar na sua labuta rural.

Aí, teve contactos com graduados da Guarda Fiscal e outras pessoas com certa cultura, que lhe facilitaram livros e ensinamentos, abertura que o desviou do obscurantismo a que estava votado, próprio da época.

Aos 22 anos casou com uma sua conterrânea, de quem teve um filho. Como sua esposa tinha um pequeno comércio, passou a alternar entre o balcão e a agricultura, fixando-se definitivamente em Safara.

Muito observador, perspicaz, activo e homem da grande planície alentejana, que vivera a solidão, rigor do tempo e já desperto, era natural que lhe transbordasse quanto lhe ia na alma, o que decerto não seria muito pouco. Eis a razão das suas poesias, formas de pensar e estar na vida.

Muito poderia dizer do autor destes versos que me propus seleccionar e ordenar, pois foi meu companheiro dos bancos da escola desde os primeiros dias e pela vida fora, até que, em 1993, a morte o afastou destas paragens.

Assim, é com saudosa amizade que deixo estes apontamentos sobre a vida de José Gaspar Duro, e que o Leitor conclua dos seus versos talvez o mesmo que eu: mais um poeta alentejano de quem nem tudo se perdeu, mas ao qual não foi dado ir mais longe.

Amareleja, 1993

Domingos Fialho Barreto

SER ALENTEJANO

Quem nasce no Alentejo
E bebe nas suas fontes
Não nasce filho dum brejo
Mesmo que nasça nos montes

O Alentejo é nascente
De poetas com valor
Gente boa, inteligente
Bem sensível ao amor

Que bom ser alentejano
Bem disposto e contente
Ser amigo, ser humano
Aguentar o sol quente

Passar a vida ao rigor
No trabalho rude e duro
Ser honesto, ter valor
Encher o peito de ar puro

Ser franco, estar aberto
Ao fazer qualquer favor
Dar o contributo certo
Na alegria ou na dor

Desculpar as anedotas
Onde é alvo duramente
E ajudar à chacota
Por ser homem consciente

Seguir uma vida calma
Receptivo às emoções
Ter uma pureza de alma
Que cativa os corações

ANO NOVO

(Na passagem de 1964 para 1965)

*Ao começar Novo Ano
Logo nos primeiros passos
Na longa estrada da vida
Talvez outro desengano
Desilusões e fracassos
Nunca a esperança perdida*

Quando o Ano está no fim
Renasce-nos a esperança
Do que vem ser mais humano
Mas poucas vezes é assim
Nada de novo se alcança
Ao começar Novo Ano

Que farás, ó Ano Novo
Se encontras sobre a Terra
A Humanidade em pedaços
Tanta desgraça no Povo
Tanta crueldade e guerra
Logo nos primeiros passos

Como pode o Ano ser
De felicidade e ventura
Se a alegria está perdida
Fazemos mal por prazer
Há crueldade e loucura
Na longa estrada da vida

Nosso mundo está doente
Pelos tratos que lhe faz
O homem mau e profano
Só o Justo, impaciente
Pede compreensão e paz
Talvez outro desengano

Com tal batalha a vencer
Tantos perigos e escolhos
Dificultando teus passos
Como poderás dar prazer
Se vemos lágrimas nos olhos
Desilusões e fracassos

Eu te desejo, Ano Menino
Que entres com o pé direito
Aos cérebros dêś luz e vida
Entrego-te o meu destino
Peço paz, amor, respeito
Nunca a esperança perdida

SAFARA, TERRA LINDA

Safara linda, que venero
Éś princesa do Alentejo
Terra que amo e tanto quero
Ver-te feliz é meu desejo

Foste meu berço, meu lugar
Embalando me viste crescer
E se em jovem te quis deixar
Aqui desejo envelhecer

Quero que cresças, pequeno meio
Para albergares no teu seio
Teus filhos, todos por igual

Que em lindo sonho de magia
Ao acordar te veja um dia
Próspera vila de Portugal

A MULHER

(Sexo fraco ou forte?)

Neste «século da luz»
Onde tudo se transforma
É a mulher que conduz
E o homem se conforma

Ela vive em liberdade
Diga o mundo o que quiser
De ser livre tem vaidade
E orgulho em ser mulher

Com beleza e simpatia
Astúcia e inteligência
Foi-se chegando à chefia
Às vezes à presidência

Mas foi ele o grande obreiro
De tal transformação
E quem a pôs no poleiro
Com a batuta na mão

O homem, não sei que passa
Alterou os seus costumes
Arrastado na desgraça
Usa brinco e perfumes

Também calção com flores
Cabelo comprido e atado
Vestindo garridas cores
Penso contra-indicado

Portanto, olha à verdade
Não percas o teu lugar
Mas admite a igualdade

Não te deixes dominar

A VERDADE DO COMÉRCIO

(Quadro do Comércio nos anos 60)

*É o Comércio afinal
Um condenado a sofrer
Os encargos mais pesados
Toda a gente lhe quer mal
Ninguém o ajuda a viver
Julgam-no cheio de pecados*

Tem o Comércio p'la frente
Uma difícil missão
Numa luta desigual
Sofre e atura toda a gente
E quem nunca tem razão
É o Comércio afinal

Pensa quem o não conhece
Que o Comércio é função
De relevo e bem viver
Mas não é o que parece
Sua principal posição
Um condenado a sofrer

Todos a ele recorrem
Sendo sempre atendidos
Nos casos mais variados
Depressa os favores morrem
E como louros colhidos

Os encargos mais pesados

É o carimbo, a assinatura
O empréstimo, o fiado
Servindo o povo em geral
Mas a ingratidão perdura
Ninguém lhe diz obrigado
Toda a gente lhe quer mal

Nesta época anormal
É quem ampara a Nação
A prosperar e vencer
Para quê tratá-lo mal
Se na triste convulsão
Ninguém o ajuda a viver

Pobre Comércio infeliz
Perseguido e desprezado
Tem dias amargurados
Tudo mau dele se diz
E de tudo é acusado
Julgam-no cheio de pecados

TER SORTE OU AZAR

Faz meditar muita gente
Sem resposta encontrar
Como é que de repente
Vem a sorte ou azar

Poucos bafejam da sorte
Anda sempre fugidia

O azar é mais forte
Aparece noite e dia

Se a sorte quer ajudar
A quem lhe caiu em graça
E atrás vem o azar
Tudo varre prà desgraça

Se um carro te atropela
Escapas da doença à morte
Sem defeito nem mazela
Parabéns, tiveste sorte

Se te roubam a carteira
Ou vem dor para matar
São azares de primeira
Que a sorte não vai salvar

Se jogares na lotaria
E o número foi premiado
É que o azar nesse dia
Foi pela sorte enganado

Vejo quem tudo suporte
Sem nunca se arreliar
Se és assim, tiveste sorte
Eu confesso, tive azar

AS FLORES

Quem dá cor à Primavera
São sem dúvida as flores

Tê-las sempre quem me dera
São tão lindas suas cores

Seu aroma purifica
O ar que nós respiramos
Nossa saúde é mais rica
Quando uma flor cheiramos

Em Maio o campo é lindo
Com tantas e belas flores
Parece um jardim infindo
Traz-me muitas se lá fores

Quem oferta uma flor
Numa atitude singela
Só traduz o muito amor
Que se oferece com ela

Sem flores não há beleza
Nem pode haver alegria
Quais crianças na pureza
São ternura e simpatia

Com a minha professora
À igreja levei flores
Dei-as à Nossa Senhora
Pra enfeitar os andores

ASSIM VAI O MUNDO

*Em cada dia que passa
Multiplica-se a desgraça*

*De extermínio e pavor
Qual fera enraivecida
O homem despreza a vida
Semeia a morte e a dor*

Um quadro confrangedor
De destruição e horror
A nossa alma repassa
Na luta crua, sangrenta
O número de mortos aumenta
Em cada dia que passa

São órfãos e mutilados
Doentes e esfomeados
E uma multidão devassa
No triste saldo da guerra
Além da mágoa que encerra
Multiplica-se a desgraça

Quantos sobrando da morte
Arrastam a dura sorte
Sem carinho nem amor
São vidas dilaceradas
Por políticas malvadas
De extermínio e pavor

Não se vê fraternidade
Paz e tranquilidade
Que a todos é devida
E o homem não incitar
Seu semelhante a matar
Qual fera enraivecida

Com que direito ou razão
Morrem milhares em Saigão

Numa luta desmedida
Nesse quadro degradante
Numa embriaguez constante
O homem despreza a vida

Enquanto cheio de vontade
Barnard dá à Humanidade
Exemplo de fé e amor
A fera civilizada
Com sua alma manchada
Semeia a morte e a dor

Christian Barnard foi o primeiro médico a transplantar um coração com êxito.

NÃO HÁ VIDA SEM ESCOLA

Dá-me muito que pensar
Como viver no futuro
E quem poderá singrar
Sem luz no túnel escuro

Essa luz que alumia
O homem no seu viver
As lições que aprendia
Na escola para vencer

Havia gosto em saber
Interesse pela leitura
Para o mundo conhecer
Suas formas de cultura

Mas com a televisão

A família perdeu a fala
Pois absorve a atenção
E até o pai se cala

Pena é que a juventude
Não se queira interessar
Espere que a vida mude
Sem precisar de estudar

Sem saber a tabuada
Só pra se desenrascar
A calculadora é usada
Ou p'los dedos vai contar

Recorre ao computador
Pra fazer as operações
Já é fácil ser doutor
Basta calcar nos botões

O TEMPO

Tudo dá e tudo tira
Dá-nos vida e faz crescer
Na ilusão, que sempre vira
Rouba forças e faz sofrer

Ele mata e ele cura
Traz-nos a dor e a desgraça
Tira vigor e frescura
Com o tempo tudo passa

Tempo é relógio da vida

Que por segundos é medida
Com regular precisão

Neste andamento certo
Nosso fim fica mais perto
Até parar o coração

PARADA BURRICAL

*À porta dum tribunal
Com indignação geral
Dois mil burros excitados
Ao sentir a vida em perigo
Exigem severo castigo
Dos irmãos assassinados*

Em constante aflição
Receiam e com razão
Que alguém lhes faça mal
Por isso deu-lhes na telha
Virem bater a orelha
À porta dum tribunal

Mil burros foram comidos
Em guisados e enchidos
Num record nacional
Comeu o pobre e o rico
Bifalhada de burrico
Com indignação geral

Tanto asno se comeu
Que têm razão, penso eu

De estarem revoltados
Veio à frente a burra parda
E dando coices na albarda
Dois mil burros excitados

Não os levem para o talho
Mas antes para o trabalho
Que já é duro castigo
O mais burro dos animais
Parte logo os atafais
Ao sentir a vida em perigo

Sei que há homens de leis
Que por uns contos de réis
Chamam ao burro um figo
Mas é só pra inglês ver
Se lho derem a comer
Exigem severo castigo

Se comer burro é progresso
Dispensamos tal sucesso
Queremos ser atrasados
Que eles zurrando forte
Pedem vingança de morte
Dos irmãos assassinados

Pelos anos 70. foi descoberto em Odivelas um talho clandestino,
com salsicharia, onde se abateram largas centenas de burros.

DATA FELIZ

(Aos 46 anos de casado)

Largas dezenas já lá vão
Que nosso enlace fizemos
Sempre a melhor união
E nunca nos arrependemos

Quando se vive em amor
E mútua compreensão
Nunca se perde o calor
Duma sincera afeição

Numa boa formação
Tolerância e respeito
Segue nosso coração
Jovem dentro do peito

Perde-se a mocidade
O cabelo embranquece
Mas resistindo à idade
O amor não arrefece

De milagres é capaz
A tudo ele resiste
E numa luta tenaz
Segue jovem, não desiste

Sem dar sinal de fadiga
Da vida que já passou
Numa vivência amiga
O próprio tempo parou

Deus nos dê até velhinhos
Muita saúde, querida
Continuando juntinhos

Até findar nossa vida

LISTA DE ESPERA

Tudo o que nasce tem fim
É certeza que não falha
O mundo foi feito assim
À Lei não escapa uma palha

Se estamos a começar
Nossa ascensão na vida
Paremos para pensar
Que um dia vem a descida

Se encontramos alguém
Tal como nossos avós
Poderemos olhar bem
O que iremos ser nós

Sabes que a morte é certa
Sua escrita está montada
Só a hora é incerta
Tem a mala preparada

Não faças contas a prazo
A vida é uma quimera
Nada acontece ao acaso
Estás na lista de espera

A VERDADE

A verdade é uma força
À qual resta obedecer
Não há nada que a torça
Ou a consiga vencer

Só na maldade da vida
Ela nunca tem valor
Não lhe encontram medida
Dão-lhe ouvidos por favor

A verdade só faz doer
A quem ela não convém
Tudo fazem pra esconder
Mas ao cimo sempre vem

A verdade é corajosa
Tem muita força e poder
A mentira é medrosa
Usa o falso pra vencer

Muitas vezes custa a crer
Assusta e mete medo
É dura e faz sofrer
Fala-se nela em segredo

Por isso não admira
Que na alta sociedade
Se recorra à mentira
Para fugir à verdade

Acredito na verdade
Faço dela minha estrela
Juro com sinceridade

Serei sempre escravo dela

A CONSCIÊNCIA

Consciência, fiel balança
Dos actos que cometemos
Não sossega nem descansa
Das maldades que fizemos

É como luz cintilante
Que nos alumia os caminhos
Sentinela vigilante
Que não nos deixa sozinhos

É implacável juiz
Que nos julga sem perdão
E ao ouvido nos diz
Escuta a voz do coração

Consciência é afinal
Uma fala sem ter voz
Combate as forças do mal
Que temos dentro de nós

Mas será que toda a gente
Tem audácia prà ouvir?
Haverá quem a não sente
E ainda se ponha a rir?

Se tranquilo queres dormir
Por ela não ser julgado
A forma de o conseguir

É viveres sem pecado

Só não sofres penitência
Terás uma vida calma
Sem peso na consciência
Se tiveres pureza de alma

A UM PESCADOR QUE CONHEÇO

O Manuel da Lusitana
Segundo alguém me tem dito
Mestre de pesca de cana
Em linha de fundo é perito

Às vezes vai a concursos
Pois é sempre convidado
Não resiste aos impulsos
Como bom aficionado

Mas não sei por que razão
A pesca lhe corre mal
Pois na classificação
Fica sempre no final

Mesmo doente persiste
Aos domingos lá está ele
Ao frio e chuva resiste
Diz que não furam a pele

Se quiser dou-lhe um conselho
Deixe a pesca, fique em casa
Porque já vai estando velho

E a sua saúde arrasa

Arrume canas, carretos
Compre peixe no mercado
Não se meta em apertos
Passe a vida descansado

Com estes dizeres me fico
É de quem não lhe quer mal
São versos que lhe dedico
Como oferta de Natal

Trata-se do Sr. Manuel Luís Ferreira, chefe de conservação das estradas, que fez sua vida em Safara e foi primeiro-sargento na guerra de 1914-18.

OS TRÊS DA VIDA AIRADA

*São os três da vida airada
Cócó, Ranheta e Facada
Pois tanto fazem penar:
Bacalhau, o Desejado
O Azeite foi lotado
Dona Batata a faltar*

Eu não sei por que razão
Os três pontos em questão
Nos trazem tanta maçada
Adoro a vida pacata
Mas se houver zaragata
São os três da vida airada

Tenho tentado juntá-los

E com tempo habituá-los
A responder à chamada
Mas não querem obedecer
Faltam sem nada dizer
Cóco, Ranheta e Facada

Quanto mais voltas lhes dão
Parece que pior estão
E juntá-los, nem pensar
Quando fossem apanhados
Deviam ser castigados
Pois tanto fazem penar

Bacalhau, o mais arisco
Fazia tão bom petisco
Anda de nós afastado
Como só nos dava gosto
Acho que fôra bem posto
Bacalhau, o Desejado

O azeite foi no bote
Sem ver entrou no lote
Em óleo foi afogado
Sempre coisas de novo
Para surpresa do povo
O Azeite foi lotado

Extra-fino engarrafado
Com um preço elevado
Não lhe podemos chegar
Como a subida não pára
Já se vai fazendo cara
Dona Batata a faltar

A FELICIDADE

Será verdade que existe
A tal felicidade
Diz-me tu se já a viste
Ou sentiste de verdade

Eu encontro que ninguém
A teve dentro de si
Quanto julgas estar bem
Ela está longe de ti

De tudo aquilo que lemos
E conhecemos na vida
Felicidade não vemos
Do mundo anda perdida

Às vezes numa visão
Parece-nos num repente
Ter felicidade na mão
Só ilusão certamente

Não se compra, não se vende
Nem o poderoso a consegue
A nenhum valor se rende
Ninguém a viu nem a teve

Falta sempre um pedaço
Para ter felicidade
Estreitá-la num abraço
Possuí-la de verdade

Passamos a vida buscando

Um mito que nos consome
A vida vai-se gastando
Felicidade... só o nome

O ABRAÇO

Abraço é dar e receber
Muita ternura e calor
Uma troca sem perder
Mas nos une no amor

São braços a apertar
Os corações a bater
Sente-se o peito arfar
E lágrimas a correr

O abraço é transmissor
Elo forte de ligação
Veículo de paz e amor
Que entenece o coração

Quando se fica contente
De encontrar um amigo
É a forma mais ardente
De dar quanto vai consigo

Quando existe saudade
Pela ausência de alguém
Para selar a amizade
Só um abraço faz bem

A LEI ANEDOTA

(Imposto de transação)

O picareto frio e calmo
Paga com língua de palmo
O imposto do seu cabo
O da enxada está isento
O que condeno e lamento
E me deixa intrigado

Legislador diga à gente
Que lhe passou pela mente
Para ser assim tão mau
Que tem um ou outro a mais
Se em tudo são iguais
E filhos do mesmo pau

Têm a mesma função
E fazem calos na mão
Desse que os trabalhar
Pra eles a grande festa
É dar suor pela testa
A quem precisa cavar

Acho não haver razão
Pra tal discriminação
Neste imposto mal lançado
Não posso ficar apático
De num país democrático
Um ser filho, outro enteado

«Puxa vida, qui barato»

Esta diferença de trato
Um pagar e outro não
Pois são cabos bem tratados
Duros e disciplinados
E do mesmo pelotão

Quem fez tal erro não sei
Mas há que rever a lei
De funil ou de cartucho
Não me digam que estes paus
Uns são bons e outros maus
E ter picareto é luxo

A OCASIÃO

O homem tem tal fraqueza
Tão sujeito a tentação
Que se não tiver firmeza
É vítima da ocasião

Se não for bem preparado
Desde a primeira hora
Cai no mundo do pecado
E nele segue vida fora

Basta-lhe que em rapaz
Furte um simples rebuçado
E nesse engodo vá atrás
Pelo vício é apanhado

Quando a criança se afasta
Do dever e da moral

O mau espírito a arrasta
Fará dela um marginal

Se falta amor e carinho
E o conselho adequado
Trilhará o mau caminho
Será um homem marcado

Mas se encontrar alguém
Que o corrija e oriente
Pode ser homem de bem
Chefe de família decente

Cultiva a honestidade
Foge sempre à tentação
Lembra-te desta verdade
«A ocasião faz o ladrão»

BEJA

Beja, teu lindo castelo
Olha o horizonte distante
Tão imponente, tão belo
Como farol vigilante

Na planície alentejana
Onde crescem os trigais
Corre calmo o Guadiana
Refrescando seus rurais

Cidade cheia de encanto
Rainha do Alentejo

Teus filhos te amam tanto
Que cresças é seu desejo

És capital de eleição
Duma beleza sem par
Todos te beijam a mão
Com eles podes contar

O MEDO

Já alguém olhou o medo
Como era e porquê?
Ninguém decifra o segredo
Quem o sente não o vê

Temos medo sem saber
Ele surge de repente
Temos medo de sofrer
E tem medo toda a gente

Temos medo de perder
Regalia ou ganha-pão
Temos medo de morrer
Se nos falta o coração

O medo é utilizado
Com a pele do papão
Para manter sossegado
O menino refilão

O medo tem tal aumento
Que mesmo muito distantes

Deturpa o pensamento
Faz-nos anões ou gigantes

Mas ainda bem que existe
Para o homem ter respeito
Com o sentir que persiste
O Mundo estava desfeito

Lá diz um velho ditado
Que contava a avozinha
*«Podes dormir descansado
O medo é que guarda a vinha»*

DIA MUNDIAL DA ÁRVORE

(No ano de 1987)

A árvore tem o seu dia
Hoje é muito festejada
Mas eu penso que devia
Todo o ano ser lembrada

Dá frutos para comer
Saudável porto de abrigo
Dá tudo sem receber
Salvo algum olhar amigo

Tem grande beleza e cor
O tecto dos passarinhos
Onde sem chuva ou calor
Aí fazem os seus ninhos

Dispor árvores é dar vida
São da saúde um pulmão
Norma que sendo seguida
Diminui a poluição

Vamos nós em Portugal
Desde o homem à criança
Fazer *Ano Mundial*
Pondo na árvore esperança

A VIDA

Viver é uma corrida
Marcada com precisão
Estreitamente cingida
Ao bater do coração

Vida é uma passagem
É calor e movimento
Energia e coragem
E dar voz ao pensamento

É deixar vivo o sinal
Que lutámos pelo bem
Nunca apoiámos o mal
Ajudámos sempre alguém

Passar a vida a correr
Em contra-relógio fatal
Ela não nos traz prazer
É qual comida sem sal

É não olhar à beleza
Que encerra e irradia
Sua luz tem tal grandeza
Que ofusca a luz do dia

Dá-se mais valor à vida
Quando nos vai deixar
Ao ver a luta perdida
Não a queremos largar

Vamos saborear a vida
Tirar bom partido dela
Uma amante tão querida
Não é bom ficar sem ela

CONSELHO AMIGO

(Ao Eleziário Rodrigues)

Eleziário toma força
Mostra bem a toda a gente
Que dás saltos qual corça
És pequeno mas valente

Ó rei do Alto dos Gaios
Nesse Estoril de eleição
Não te admito desmaios
Bebe vinho carrascão

Toma o conselho que falo
Canta do cimo do muro
Faz-te forte, qual galo

Quanto mais velho mais duro

Portanto amigo Rodrigues
Pequeninho e atarracado
A esses males não ligue
Sê forte e desenrascado

Uma vez que o seu amigo Aleziário se queixou.
infundadamente, de não se sentir muito bem.

TEATRO

O teatro é cultura
Recreio e diversão
É arte e compostura
Escola de formação

Seu colorido e beleza
Sua graça e movimento
Tudo é vida e grandeza
Qual estrela no firmamento

É uma universidade
É um curso superior
Tem beleza e verdade
Tem expressão e vigor

Pena é ser aviltado
Por artistas vendilhões
Que sem respeito ao passado
Só proferem palavrões

Nesses actores de segunda
Sem classe e sem craveira
Toda a actuação se afunda
Numa piada grosseira

Dele fazem má imagem
Sem respeito nem lisura
A pobreza de linguagem
Tudo é menos cultura

E quem paga o bilhete
Pra passar um bom bocado
Em vez de ficar contente
Volta mui desapontado

ALQUEVA

A Barragem de Alqueva
Que longe sua água leva
Dará vida ao Alentejo
Irrigando hectares
Que seriam uns milhares
Ver-te pronta eu desejo

O Alentejo então seria
A fonte donde corria
Água criando riqueza
Os pobres deixavam de ter
Um amargurado viver
Acabando sua pobreza

Com esta certeza fico

Que o país seria rico
Com Alqueva e sua água
Mas a política empena
Vemos ressequida a terra
O que sentimos com mágoa

Os campos seriam lindos
Com regadios infindos
Enriquecendo o país
Havia trabalho a rodos
Que chegava para todos
Seria o povo feliz

Senhores da governação
Ao projecto deitem mão
Vão prà frente a valer
Depois de gastos milhões
Não mudem de opiniões
Não deixem Alqueva morrer

OS REFORMADOS

Ó MURPI, tu és a voz
Dos velhos desprotegidos
Vem daí juntar-te a nós
Clamemos justiça unidos

Tuas páginas são luta
Defendida com fervor
Por ser uma causa justa
Tens nosso apoio e amor

Os velhos ainda são gente
Já deram o seu melhor
Lançaram o país em frente
Com seu saber e suor

Agora que estão cansados
Da vida dura e séria
Têm dias desolados
Na reforma de miséria

Nos Serviços Sociais
Tudo parece esquecer
Nos asilos pagam mais
Que a pensão a receber

Arrastando a sua dor
Com lamentos e gemidos
Sem carinho e sem amor
São o rol dos esquecidos

Depois dos deveres cumpridos
E já no fim da carreira
São livros depois de lidos
Lançados para a fogueira

MURPI, Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos.

O EMIGRANTE ALENTEJANO

*No Alentejo é tradição
Amar a terra até à morte
Venerando o seu rincão*

Com bairrismo são e forte

O emigrante tem quezília
De deixar o seu torrão
Ser agarrado à família
No Alentejo é tradição

É homem sem ambição
Difere da gente do Norte
Sua eterna condição
Amar a terra até à morte

Mas infelizmente a vida
Tem tomado outra feição
Já deixa a terra querida
Venerando o seu rincão

Já se fixa na cidade
O destino é mais forte
Emigra contra-vontade
Com bairrismo são e forte

O ABUSO

Ainda vai enraizado
Nos costumes das pessoas
Abusar do que é errado
Coisas más em vez de boas

Abusamos da saúde
Abusamos do dinheiro
Abusamos da virtude

Do ingénuo companheiro

Abusamos da pobreza
Da força e do poder
Abusamos da fraqueza
Em lugar de a defender

Abusamos da bebida
Do prazer que dá loucura
Até se abusa da vida
No pouco tempo que dura

Deve o homem respeitar
As regras da educação
Para nunca melindrar
Nem ferir o seu irmão

O abuso é humilhante
Não sejas abusador
Respeita teu semelhante
Tem compostura e amor

Faz-te homem respeitado
Do abuso nunca uses
Lá diz o velho ditado
Goza mas não abuses

SER POBRE

Ser pobre não é defeito
Mas pode ser um tesouro
Basta dentro do teu peito

Bater um coração de ouro

Com esta grande virtude
Não te consideres pobre
Se fores rico em saúde
Talvez a riqueza sobre

Não invejes a riqueza
Teu berço não ser dourado
Na tua honesta pobreza
Serás sempre respeitado

O pobre sente honra e gosto
De ganhar o pão que come
Com o suor do seu rosto
Aos filhos matar a fome

Não fiques diminuído
Se não tens bens de raiz
Dinheiro mal conduzido
Faz o homem infeliz

Podes ser rico em saber
E respeito ao semelhante
Ter inteligência e poder
Ser uma alma brilhante

Se mostrares teu valor
Com justiça e firmeza
E aos outros deres amor
Já tens grande riqueza

SOBE, SOBE...

Sobe, sobe a inflação
Partiu-se o fio ao balão
Vai a mais de cem à hora
O vento está a favor
Ninguém lhe fecha o vapor
E nossa vida piora

Sobe o peixe, carne e pão
Batata, arroz e feijão
Tudo em doida correria
Não sabemos até quando
Irá durar o desmando
E que fim terá um dia

Sobe o imposto e papel
Sobe a massa, azeite e mel
O queijo, o gás e a luz
Só desce a água do poço
Baixa o dinheiro no bolso
Que à falência nos conduz

O merceeiro coitado
Anda já apavorado
A pensar como vai ser
O que vende por quarenta
Irá comprar por cinquenta
E ele terá que viver

Se reserva tem alguma
Porque não bebe nem fuma
Vai-lhe tirando fatias
Tudo sobe e ele baixa
Até o dinheiro na caixa

Vê limpo todos os dias

Neste mundo conturbado
Nunca chega o ordenado
E ninguém está contente
A vida vai impossível
Perdeu o prumo e o nível
O perigo é evidente

O MAL

O mal, pior que ladrão
Quando vem a nossa casa
Não procura ocasião
Quanto temos ele arrasa

Destrói a nossa saúde
Nosso melhor bem-estar
Seus golpes de acção rude
Ceifam alegria no lar

Quanto é belo ele corta
A sua presença amedronta
E quando nos bate à porta
Nem o mais forte o afronta

Nunca usou de caridade
Nasceu pra fazer sofrer
E sem dó nem piedade
Tira o prazer de viver

Desfaz nossas esperanças

Em seu lugar deixa dor
Lesos e crianças
Sem a ninguém ter amor

E se vem para matar
Não permite qualquer cura
Faz-nos sofrer e penar
Leva-nos à sepultura

A vida seria bela
Se o mal não existisse
Quem não gostaria dela
Sem penar por mais velhice

DEDICADO A UM CAÇADOR

O meu grande amigo Santos
Caçador dos afamados
Dedica-se como tantos
À caça e seus guisados

O dia que sai disposto
Os colegas de Safara
Vê-lo atirar dá gosto
Nem metem espingarda à cara

A rola que descuidada
E voando ao longe passa
É logo bem apontada
E cozinhada com massa

A lebre, coelho e perdiz

Por lhes fazer tanto mal
Fizeram queixa ao juiz
Vão levá-lo a tribunal

Os pombos andam danados
Com este mestre de caça
Pois estão sendo enganados
Com a história da negaça

Em caça grossa é valente
Quando entra pelo mato
Vemo-lo constantemente
Carregando um chibato

Como aos grandes se presta
Merecida homenagem
Eu vou dedicar-lhe esta
Um estragador de bagagem

Trata-se do seu amigo, desde os bancos da escola,
Francisco Lopes dos Santos, natural de Safara, carpinteiro
de profissão e distinto elemento da Filarmónica.

O PODER

O homem ambicioso
Procura no seu viver
Ser forte e poderoso
Pra impor o seu poder

Ele aproveita as marés
Sem a ninguém dar amor

E tudo quer a seus pés
Implorando o seu favor

Vai fazendo a escalada
Sempre como lhe convém
Faz dos outros sua escada
Sem respeito por ninguém

Do alto do pedestal
Com olhar duro e forte
Mostra o riso do mal
Sem que doutrem se importe

É justo o homem lutar
Por melhorar posições
Mas aos outros deve dar
Seu carinho e afeições

Se um dia tiveres poder
Modera tua cobiça
Deixa os outros viver
Tem respeito e justiça

ÉVORA, CIDADE MUSEU

*Évora, cidade museu
Tens passado glorioso
Onde Giraldo se bateu
Povo nobre e generoso*

Os teus monumentos são

Tua glória e um troféu
Manténs ímpar tradição
Évora, cidade museu

Ruas estreitas e ruínas
São o teu painel honroso
Em tradição tu dominas
Tens passado glorioso

Tu és páginas de história
És beleza e encanto meu
Trazes sempre à memória
Onde Giraldo se bateu

Orgulho dos nacionais
Estilo raro e grandioso
Cada vez te amo mais
Povo nobre e generoso

O TRABALHO

O trabalho é o motor
Da máquina universal
Da sua força e vigor
Não se conhece rival

É no trabalho que assenta
O avanço do Universo
Sem ele nada aumenta
Não há vida nem progresso

O trabalho é o suporte

De tudo quanto existe
É eterno, duro e forte
Até ao tempo resiste

O trabalho é um pilar
No alicerce da vida
Tem o homem de cuidar
Do seu uso e medida

A técnica é importante
Tem um enorme valor
Mas na prática é garante
O trabalho é superior

Tudo quanto vemos feito
É produto do labor
Muita vontade e jeito
Esforço, suor e dor

Por isso torna coragem
Vai já cumprir tua parte
Se a vida é uma passagem
Dá-lhe teu poder e arte

GRATIDÃO

A palavra gratidão
Significa agradecer
A quem pela sua acção
Nos ajudou a viver

Mas vai estando rareada

Só se vê ingratidão
Ninguém agradece nada
Julgam tudo obrigação

Por exemplo os animais
Desde o gato ao leão
Mesmo sendo irracionais
Bem nos servem de lição

A quem lhes dá de comer
Obedecem dedicados
Agradecem com prazer
Ao sentir-se bem tratados

Mas o homem a meu ver
Orgulhoso e arrogante
Não aprende a agradecer
O bem do seu semelhante

Salvo alguma excepção
Egoísmo e impudor
Menos que gato ou cão
Logo esquecem um favor

POR QUE SE ESPERA ?

Se o mundo fosse perfeito
E quem espera sempre alcança
O homem teria o direito
A manter viva a esperança

Passamos a vida esperando

Às vezes por quem não chega
A vida vai-se gastando
Sem a sorte que se nega

Esperamos filho saudável
Ser feliz e bem disposto
Ao esperar um olhar amável
Vem ilusão e desgosto

Esperamos que passe o ano
O que vem seja melhor
Mas só chega desengano
Sempre de mal a pior

A vida é uma quimera
Que engana dia a dia
Quem espera desespera
E assim perde a alegria

Esperando vamos vivendo
Numa vida falsa e dura
E vamos envelhecendo
Certo só a sepultura

Secam-se os olhos olhando
Neste horizonte sem norte
Da vida nada esperando
Resta só esperar a morte

O CEIFEIRO

O ceifeiro ao calor

Trabalha com alegria
Seu corpo cheira a suor
Ganha o pão de cada dia

Com o lenço ao pescoço
Debaixo do sol ardente
O ceifeiro no seu esforço
Sempre se mostra contente

Recebe magro salário
Prà família sustentar
Mas aceita seu fadário
Sem nunca se revoltar

Pró trabalho vai saindo
De manhã pela fresquinha
Vão grupos cantando e rindo
Com a foice na bainha

Alentejo e seus trigais
É celeiro da Nação
Cada vez semeia mais
E o ceifeiro corta o pão

Safara é minha terra
Aldeia de pioneiros
Sua tradição encerra
O brio dos seus ceifeiros

O DESTINO

Destino é um mistério

Difícil de desvendar
Que depende do critério
Que alguém lhe queira dar

O que é ele afinal?
Dizem que é uma estrela
Que com ela vem o mal
Ou dá uma vida bela

Afirmam ser o culpado
De quanto surge às pessoas
Do que tem um triste fado
Ou recebe coisas boas

Está o destino marcado
Diz o povo convencido
Que o caminho foi traçado
Na hora de ter nascido

E crente até lhe obedece
Por ouvir desde menino
Que tudo nos acontece
Por efeitos do destino

Ninguém foge ao seu destino
É um mito a que aderimos
Talvez obra do Divino
Ou nós que o construímos

Deixa o destino em paz
E as culpas que não tem
Tenta ver se és capaz
De vencer tudo por bem

TUDO MUDA

Tudo muda neste mundo
Até mudam as pessoas
E neste mudar profundo
Mudaram as coisas boas

Os antigos bem mais são
Usavam menos maldade
Davam-se quais irmãos
Havia fé, lealdade

Se recuares uns anos
Fizeres a tua história
Aponta os desenganos
Que te vêm à memória

Verás no fim do conto
Tudo mudou pra pior
Analisa ponto a ponto
Nada encontras melhor

Só ruídos de motor
Com fumo e poluição
É um flagelo de dor
De parar o coração

Falta a tranquilidade
Falta sossego e descanso
Só egoísmo e falsidade
Negativo é o balanço

O tempo corre veloz

Não reduz velocidade
Perdemos controle em nós
Somos velhos sem idade

SERÁ QUE É ?

Já estamos na CEE
Depois de muitos pedidos
Será bom, será que é?
Duvidam os entendidos

Eu observo bem calado
Disso não percebo nada
Só espero o resultado
Que dará esta entrada

Muitas vezes acontece
Cair-se sem dar por isso
Nada ser o que parece
Que longe vá o enguiço

Nós queremos bem-estar
A vida facilitada
Mas é bom desconfiar
Não seja mais uma alhada

Se não pedirmos de mais
Esta prova venceremos
Se houver direitos iguais
Parente pobre não seremos

Ninguém nos toca num pêlo

Somos país de sapateiros
Uísque e vinho a martelo
E em cortiça os primeiros

Não nos ganham em tomates
Conservas e vinho do Porto
Em astúcia temos artes
Nem que a coisa dê pró torto

A SAÚDE

A saúde é grande bem
Que dá vida e beleza
Certamente que ninguém
A troca pela riqueza

A saúde dá-nos força
Pra combater a desgraça
E corremos qual corça
Quando o perigo ameaça

Dá vigor pra trabalhar
Ser enérgico e seguro
Dá-nos gosto para amar
E não temer o futuro

Com saúde tudo se faz
Tudo se vence na vida
De milagres é capaz
Sempre nos deixa saída

Se usarmos sem consciência

Este bem que Deus nos dá
Só vemos sua carência
Quando remédio não há

Saúde é sangue que corre
É a fonte do vigor
Quando seca algo morre
Do nosso total valor

AGUENTA, ZÉ

Os portugueses coitados
Estão cheios de enguiços
Com os preços aumentados
Fazem deles uns magriços

O pão também acompanha
Este apertar do cinto
E com dieta tamanha
Comem menos que um pinto

Aguenta lá, Zé pagante
Já não podes ser gorducho
Aperta o cinto, tratante
Porque comer é um luxo

A esposa bate o seu pé
E grita em tons agudos
Quem paga tudo é o Zé
Pra sustentar os pançudos

Coitada, vai ao mercado

Fazer as compras do dia
O cabaz vem despejado
Fica a carteira vazia

Nem que te mates, ó Zé
Darás conta do recado
Que a dívida está de pé
E o país hipotecado

Pra salvar a situação
Serás tu, ó Zé que cavas
Sem ganhares para o pão
Que irás pagar as favas

SABER VIVER

Que bom é saber viver
Dar à vida mais sabor
Conservá-la para ser
Sempre vivida em amor

Quando existe vaidade
E a má-fé nas pessoas
Aparece a falsidade
Em lugar de acções boas

Quem ao egoísmo diz não
Fizer o bem por prazer
Terá ao alcance da mão
Algo mais do que sofrer

A vida seria bela

Felizes eram os dias
Se não abusassem dela
Dando-lhe mais alegrias

Vida não é só matéria
Ver, ouvir, respirar
É combater a miséria
Em tudo pondo bem-estar

É lutar contra a maldade
Ter um coração no peito
Para toda a Humanidade
Ter um mundo mais perfeito

VIOLÊNCIA

Renuncia à violência
Não olvides bons conselhos
Usa de amor e prudência
E respeita os mais velhos

Não sejas mal-educado
Nem respondas sem pensar
Tem amigos a seu lado
Quem assim se comportar

Sensato não é covarde
Nem receoso de alguém
Mas antes que seja tarde
Resolve tudo por bem

Os correctos também são

Firmes quando é preciso
Fortes quando há razão
Reprimindo os sem juízo

Não te mostres valentão
Nem leves tudo a varrer
Ouve a voz do coração
Senão vais-te arrepender

Não agridas, tem bondade
De amizade dá um pouco
E tendo boa vontade
Mudarás o mundo louco

AO MEU CORAÇÃO IRREQUIETO

Ó coração traiçoeiro
Se te pudesse apanhar
Levavas nesse traseiro
Açoites até cansar

O peito fica em desordem
Pelos saltos que lá pregas
Só quem te mete na ordem
É o doutor Sá Viegas

Portanto toma cuidado
Já tens bastante idade
Foste forte no passado
Mas já foi a mocidade

Trabalhas desordenado

Tu não arranjas maneiras
E eu ando preocupado
Com essas tuas asneiras

Se a ter juízo te negas
E continuas azelha
O tal doutor Sá Viegas
Vai puxar-te uma orelha

Rapazinho, põe-te a pau
Não comeces a falhar
Se teimares em ser mau
Ficas sem o Zé Gaspar

Escritos aos setenta anos, estes versos referem-se
às primeiras crises de coração, que acabaram por o vitimar
dois anos depois.

OS POLÍTICOS

Chegadas as eleições
Há comícios e abraços
Políticos espertalhões
Vão armando os seus laços

Para seguirem à frente
Beijam velhas e crianças
Assim burlam muita gente
Com suas falinhas mansas

E pró povinho enganar
Dão palmadinhas nas costas

E fazem-no acreditar
Que vão cumprir as propostas

São discursos e promessas
Para iludir o parceiro
Mas tudo mudam das vessas
Em subindo ao poleiro

O povo foi sempre escada
Que deu acesso à subida
Mas depois é desprezada
No canto escuro esquecida

O povo é bom e ordeiro
Se sabem lidar com ele
Mais manso que um cordeiro
Deixa até tirar a pele

Eu tenho pena de ti
Ó povo, que tanto sofres
Tu trabalhas e quem ri
É a quem enches os cofres

SAUDOSA MEMÓRIA

(A José Agostinho Lopes Rocha)

Foi triste o amanhecer
Faleceu Zé Agostinho
Sem ninguém se aperceber
Ele agonizou sozinho

Tal como explosão de bomba
Foi surpresa sua morte
É mais um jovem que tomba
Fulminado pela má-sorte

Ainda nos custa a crer
Na triste realidade
Era bom mesmo a valer
Nem conhecia a maldade

Homem cheio de energia
Lutador rijo e forte
Bem cedo teve o seu dia
Foi vencido pela morte

Adeus, Zé Agostinho
Foste amigo verdadeiro
Bom rapaz e bom vizinho
Muito alegre e prazenteiro

Deus lhe dará um altar
No Céu, onde já descansa
Merece bem esse lugar
Para nós fica a lembrança

José Agostinho Rocha era comerciante, distinto músico,
natural de Safara, onde tinha a estima de toda a gente.

CARNAVAL

Toda a vida é Carnaval
Todos vamos mascarados

Cada máscara afinal
Mostra podres e pecados

Toda a vida é Carnaval
Diz o povo e muito bem
Hoje o homem é igual
Ao palhaço Zé Ninguém

Toda a vida é Carnaval
Todos queremos folia
Máscaras do bem e do mal
Gargalhadas de alegria

Toda a vida é Carnaval
Na caravana que passa
Não se respeita a moral
A mascarada é sem graça

Toda a vida é Carnaval
Era bom que assim fosse
Só três dias afinal
Têm corsos e arroz-doce

Há quem diga ter razão
Que o Entrudo em Portugal
Não tem só três dias não
Todo o ano é Carnaval

SER PAI

Ser pai não é gerar
Um filho por acidente

É ensinar e educar
Num alerta permanente

Sem violência preparar
Um novo ser para a vida
Passo a passo acompanhar
O escalar da subida

Sem alicerce seguro
Nem construção cuidada
Pode abater um muro
À primeira enxurrada

São os pais o alicerce
Desse prédio a construir
Vigiando enquanto cresce
Não venha ele a ruir

Carinho e tolerância
Amor e compreensão
Vencerão a distância
Desta difícil missão

Dar-lhe todo o seu saber
Seu amparo e conselhos
Pois bem útil lhe vai ser
A experiência dos velhos

Um filho bem preparado
Para a vida enfrentar
Será o melhor legado
Que um pai lhe pode dar

A MENINA FEIA

Não tenha pena, menina
Que outras te chamem feia
Só vaidade as domina
Um engano as rodeia

A beleza corporal
É um bem de apreciar
Mas a formação moral
Tem um valor a dobrar

Vale mais ter cuidados
Com a beleza interior
Fazer bem, não ter pecados
Dar aos outros mais amor

As bonitas, na verdade
Mais que tu querem ser
Com o peso da vaidade
Ficam feias a valer

A tua simplicidade
Fica tão bem que dá gosto
E ao contrário da maldade
Dá beleza ao teu rosto

Por isso não tenhas pena
Nem inveja das formosas
Pois tua face morena
Tem a beleza das rosas

O AMOR

O amor é sentimento
Repartido com alguém
Que nasce nesse momento
Que se gosta e quer bem

Ele brota espontâneo
E não conhece fronteiras
Aparece instantâneo
Vence todas as barreiras

É firme, sincero e nobre
A qualquer prova resiste
Quando alguém o descobre
Não o vê, mas ele existe

À força, nunca se agarra
Mas é fácil de prender
Ele próprio se amarra
À pessoa que escolher

É tão linda a sua cor
Seu olhar tão brilhante
Nada iguala o amor
É belo e fascinante

Quando forte e seguro
Nunca ninguém o venceu
O sentimento mais puro
Que jamais se conheceu

O seu calor nos aquece
Para que dure essa chama

Num querer que não esmorece
Não pode cair na lama

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

Olha bem à tua volta
E poderás observar
Vida suja que revolta
E terás de suportar

Se pensares bem a fundo
O que vai por esta vida
Só vês sujeira no mundo
E a moral andar perdida

Há quem suje pés e mãos
Outros sujam sua cara
Sujamos nossos irmãos
A poluição não pára

A nossa vida passamos
A sujar o ambiente
Com tal hábito ficamos
Que sujamos nossa mente

Esgotada a paciência
Quando se perde a calma
Com a língua e consciência
Emporcamos nossa alma

Os produtos de limpeza
Pelos técnicos preparados

Limpam tudo de certeza
Só não limpam os pecados

Jogo sujo é permitir
Os abusos e maus tratos
Lavar as mãos a seguir
Como fez Pôncio Pilatos

ANTES QUE CASES

Hoje dá-nos que pensar
O valor do casamento
É normal observar
Que se desfaz num momento

O namoro antigamente
Servia para estudar
De forma inteligente
Quem se queria desposar

Tinha princípio e fim
E o casamento durava
Uma vida, sempre assim
Só a morte o separava

Agora mal se conhecem
Sem que ainda haja idade
Os deveres todos esquecem
Entram na sexualidade

Começam a vida a dois
Sem estarem preparados

Para algum tempo depois
Já estarem separados

É um mundo diferente
Não existe a amizade
Todos querem ir em frente
Na sua leviandade

Há um ditado que diz
Olha bem ao que fazes
E se queres ser feliz
Pensa bem antes que cases

POR CAUSA DOS TEUS OLHOS

A beleza do teu rosto
Dá-te vida e encanto
Onde com primor e gosto
Os teus olhos brilham tanto

Os teus olhos brilham tanto
Que encandeiam meu olhar
Aos meus resta-lhes o pranto
Por não poderem brilhar

Por não poderem brilhar
Não terem o teu carinho
Perdidos sem encontrar
Uma luz no seu caminho

Uma luz no seu caminho
Que os pudesse guiar

Por isso choro sozinho
Por não me queres amar

Por não me queres amar
Não gozar tua beleza
Tanto tinha pra te dar
Só não posso dar riqueza

Só não posso dar riqueza
Não a tenho ao dispor
Mas podes ter a certeza
Sou muito rico em amor

ETERNA SAUDADE

Que saudade tenho de ti
Querida e boa mãezinha
Tua falta bem senti
Ao deixares tua casinha

Destinado pela morte
Foste levada de nós
Traído pela má-sorte
Não mais ouvi tua voz

Tudo me deste na vida
Teu ventre, leite e amor
Hoje, mãezinha querida
Nem teus beijos nem calor

Adeus, mãe, até um dia
Que praí siga também

Vá sentir a alegria
De te encontrar no Além

O paizinho também está
Perto de ti certamente
Ele ao ver-me ficará
Decerto muito contente

E a família reunida
De espírito e alma forte
Continuará na vida
Na própria casa da morte

E quando muito juntinhos
Trocamos um olhar terno
Sentirei vossos carinhos
Dormirei o sono eterno

CALOR HUMANO

Sabes que o calor humano
Que aquece o coração
Faz-nos falta todo o ano
Seja Inverno seja Verão

Nem o calor da fogueira
Que fazemos no Inverno
Aquece dessa maneira
Tão salutar e tão terno

É um calor que dá vida
Dá força para vencer

Duma esperança perdida
Por vezes faz-nos erguer

Quantas vezes acontece
Ter gente junto de nós
Cujo olhar arrefece
Até é fria sua voz

Sempre que somos tratados
Duma forma rude e forte
Sentimo-nos tão gelados
Como se fosse a morte

Não negues o teu calor
Faz da vida um prazer
Dá aos outros mais amor
E ajuda-os a viver

Ó TU, IRMÃO QUE TRABALHAS

Ó tu, irmão que trabalhas
Que lutas pelo teu pão
Só te pertencem migalhas
Que por engodo te dão

És tu que fazes o pão
Que todos temos na mesa
E quem ajuda a Nação
A ter fartura e riqueza

Ninguém te dá o valor
Nem te dizem obrigado

Não respeitam teu suor
E és ainda maltratado

Teu braço é alavanca
Tudo põe em movimento
Assim, a máquina estanca
Se parares um momento

Muito se fala de ti
Dizendo estar a teu lado
Mas não passa de alibi
Pra te trazer enganado

Não há governo ou partido
Que pense no teu bem-estar
Falam-te bem ao ouvido
Pra melhor te explorar

Proclamam democracia
Todos serem democratas
Mas em comendo a fatia
Mandam-te assar batatas

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Consoantes e vogais
Nada dizem separadas
E as notas musicais
Só unidas e orquestradas

A união faz a força
Diz o adágio popular

Frágil fio que se torça
É difícil de quebrar

O poder é a junção
De elementos reunidos
Na perfeita ligação
De músculos e sentidos

Em tudo na nossa vida
A união é necessária
Se a força é dividida
A harmonia é precária

A união das pessoas
No labor e na vontade
Realiza ideias boas
Para bem da sociedade

LIBERDADE

É tão linda a liberdade
Por todos é invejada
Só que, na realidade
Anda muito maltratada

A liberdade é riqueza
Que à vida dá prazer
Assim, guarda com firmeza
Este bem a não perder

Animais e passarinhos
Adoram a liberdade

Criam e fazem ninhos
Reproduzem-se à vontade

O homem tem na sua mão
Ser livre de pensamento
Liberdade de expressão
De vontade e movimento

Só que ela tem medida
E método no seu uso
Se a regra não for cumprida
Logo deriva em abuso

Não a uses desmedido
Sem amor e sem respeito
Lembra-te do oprimido
Que a ela tem direito

Preserva este valor
Esta jóia importante
Segura-a bem, com vigor
Pode fugir num instante

A JUVENTUDE

Vai o jovem iludido
Sem presente nem futuro
É um náufrago perdido
Num batel pouco seguro

Não quer ouvir nem atende
Aqueles que são mais velhos

Não concorda nem aprende
O valor dos seus conselhos

O jovem irreverente
Não se humilha nem respeita
Cai na droga inconsciente
E tudo mau ele aceita

Sua vida é copiada
Vinda de vários canais
Educação importada
Desprezando a voz dos pais

Só recebe com agrado
Filmes e televisão
Frutos dum mundo estragado
E péssima informação

Deboche e pornografia
Falta de fé, impudor
São o pão de cada dia
Deste mundo sem amor

Assim, enquanto és novo
E tens força pra vencer
Mostra que és filho do povo
Que não se deixa vencer

O ALENTEJO

*Chamam-te «Terra de Pão»
É assim que o povo diz*

*És celeiro da Nação
Que abastece o país*

Dás o trigo e a cevada
Ervilha, fava e grão
Tens hortaliça e feijão
És uma terra sagrada
Se fores bem cultivada
Até dás prà exportação
Por isso e com razão
Se tens quanto se consome
E é de ti que o povo come
Chamam-te «Terra do Pão»

Em ti tudo se cria
És terra de promessa
Abasteces a Nação
De melão e melancia
O país rico seria
Com os teus dons de raiz
O povo vivia feliz
No nosso lindo Alentejo
«Onde o sol nos dá um beijo»
É assim que o povo diz

Produzes carne e azeite
Também lenhas e carvão
Bom vinho de selecção
No mercado bem aceite
Tomate, queijo e leite
São produtos de eleição
Que temos sempre à mão
Ainda pra mais cobiça
Até exportas cortiça

És celeiro da Nação

Na Primavera dá prazer
Ver searas verdejantes
Recreio dos viajantes
Que aqui passam a correr
É bom ouvi-los dizer
Com ar alegre e feliz
Privilégio que Deus quis
Um brinde da Natureza
Teus olivais são riqueza
Que abastece o país

À MEMÓRIA DO MESTRE TERENO

Mestre Tereno faleceu
Bom amigo e alma nobre
Que ao seu torrão tudo deu
Safara ficou mais pobre

Ferveroso idealista
Defensor da sua terra
Notável como artista
Cuja missão se encerra

Leal, franco e seguro
Foi pena vê-lo partir
Com apostas no futuro
Ideias por concluir

Espalhou por toda a parte
Obras de enorme valor

Foi expoente duma arte
Que amou com grande ardor

Sua obra simboliza
Trabalho e perfeição
Inteligência, pesquisa
Que ditou seu coração

Amigo de toda a gente
Ele era sempre o primeiro
A dar o passo em frente
E ajudar um companheiro

Sempre de acordo contigo
Como se fosse um irmão
Paz à alma, bom amigo
Deus te dê a salvação

José Tereno Lucas Pires, ferreiro, grande artista em ferro forjado,
músico amador distinto. Companheiro do autor desde os bancos
da escola e seu padrinho de casamento.

HOMEM QUEM ÉS TU

Ó tu, rei da criação
Cheio de força e acção
Que tudo julgas vencer
Tu afirmas e desmentes
Juras o que não sentes
Matas e queres viver

Tu vives em nostalgia
Tens tristeza e alegria

Ódio e queres vingança
Tens piedade e amor
Ou instintos de furor
Ingenuidade de criança

És cobarde e corajoso
Sincero e mentiroso
Um amigo e inimigo
És o melhor e pior
Dás o prazer e a dor
Amas a paz e o perigo

Tu que tudo constróis
A ti próprio te destróis
És um ser inconformado
Não mereces o carinho
Que encontras pelo caminho
Que percorres estonteado

És correcto e imoral
Racional, irracional
Estúpido e inteligente
Há qualidades em ti
Mas grande mágoa senti
Por pouco usares a mente

Assim segues a errar
E acabas por te enganar
Quando apregoas amor
Dá a mão ao teu irmão
Com verdade e coração
Só assim terás valor

ÍNDICE

Nota Introdutória

Ser Alentejano

Ano Novo

Safara, Terra Linda

A Mulher

A Verdade do Comércio

Ter Sorte ou Azar

As Flores

Assim Vai O Mundo

Não Há Vida sem Escola

O Tempo

Parada Burrical

Data Feliz

Lista de Espera

A Verdade

A Consciência

A Um Pescador que Conheço

Os Três da Vida Airada

A Felicidade

O Abraço

A Lei Anedota

A Ocasão

Beja

O Medo

Dia Mundial da Árvore

A Vida

Conselho Amigo

Teatro

Alqueva
Os Reformados
O Emigrante Alentejano

O Abuso
Ser Pobre
Sobe, Sobe
O Mal
Dedicado a Um Caçador
Évora, Cidade Museu
O Trabalho
Gratidão
Por Que se Espera?
O Ceifeiro

O Destino
Tudo Muda
Será que É?
A Saúde
Aguenta, Zé
Saber Viver
Violência
Ao Meu Coração Irrequieto
Os Políticos
Saudosa Memória

Carnaval
Ser Pai
A Menina Feia
O Amor
O Mundo em que Vivemos
Antes que Cases
Por Causa dos Teus Olhos
Eterna Saudade
Calor Humano

O Tu, Irmão que Trabalhas

A União Faz a Força

Liberdade

A Juventude

O Alentejo

À Memória do Mestre Tereno

Homem Quem És Tu

Colectânea Alentejana organizada por Fialho Barreto

- 1 – Baltazar Carneirinho, *Poesias Populares*, Edições Rocio, Bruxelas, 1995.
- 2 – José Gaspar Duro, *Poesia Popular*, Edições Rocio, Bruxelas, 1995.
- 3 – Pedro Baptista Acabado, *Poesia e Prosa Poética*, Edições Rocio, Bruxelas, 1995.
- 4 – Bento Maria Adega, *Os Versos*, Edições Rocio, Bruxelas, 1996.
- 5 – Manuel de Santo António, *Os Versos Populares*, Edições Rocio, Bruxelas, 1996.
- 6 – Zilda Candeias Varandas, *Seleção de Versos*, Edições Rocio, Bruxelas, 1997.
- 7 – João Chouriço Páias, *Versos Escolhidos*, Edições Rocio, Bruxelas, 1999.
- 8 – Manuel Caeiro Franco, *Quando Tenho Inspiração*, Edições Rocio, Bruxelas, 1999.

<https://sites.google.com/view/edicoesrocio/home>